

ESCOLA, DIVERSIDADE E OS DESAFIOS SÓCIO-EDUCATIVOS: UMA ABORDAGEM SOBRE AS DROGAS ILÍCITAS, ESPECIFICAMENTE O CRACK, ENTRE ESTUDANTES¹

Resumo

OBJETIVO: O presente trabalho decorre de um Projeto de Pesquisa que, com o apoio do CNPq, vem sendo desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/Campus IV/Departamento de Educação. O trabalho tem como propósitos: 1) descrever um histórico do surgimento do crack; 2) apresentar um panorama do uso do crack no Brasil. **METODOLOGIA:** O trabalho tem como base uma revisão bibliográfica, focando a literatura específica da área e documentos de órgãos como a Organização Mundial de Saúde. **RESULTADOS:** Como se trata de um Projeto em andamento, os resultados obtidos são parciais. São eles: 1) o crack é a forma de base livre da cocaína, podendo ser obtido do cloridrato de cocaína ou da pasta da coca, com o seu surgimento datando de meados dos anos 1980, entre setores carentes da população negra e latina das áreas centrais de Nova Iorque, Los Angeles e Miami; 2) a chegada do crack no Brasil data do fim dos anos 1980, tendo a primeira apreensão sua ocorrido em São Paulo; 3) João Pessoa é, proporcionalmente, a capital brasileira com maior consumo de crack entre jovens e adolescentes do Ensino Fundamental e Médio. **CONCLUSÕES:** 1) as escolas não estão preparadas para lidar com a temática das drogas; 2) o uso do crack tem se expandido dos grandes centros para as cidades interioranas; 3) faz-se necessário o desenvolvimento de ações sócio-educativas junto aos estudantes, no sentido de dotar-lhes de conhecimento sobre as drogas.

Palavras-chave: Educação. Drogas. Crack.

Claudiane Moreira²

1 – Estudantes, drogas e o caso do crack

O tema *droga entre escolares* tem sido objeto, tanto no plano nacional como internacional, de abordagens de distintas áreas científicas. As Ciências da Saúde, as Ciências da Educação e as Ciências Sociais/Humanas, em geral, têm focado a temática das drogas (lícitas e ilícitas) em seus mais diversos aspectos.

No contexto internacional, estudos têm demonstrado, por exemplo, que, em países como México, Chile, Croácia, Estados Unidos e Noruega, a

¹ - Trabalho decorrente do Projeto de Pesquisa *A Educação e as Drogas: Um Estudo sobre a Presença do Crack no Cotidiano Escolar de Mamanguape-PB*, coordenado pelo Prof. Dr. Ivonaldo Leite (Universidade Federal da Paraíba – Campus IV), com o apoio do CNPq.

² - Acadêmica do 6º Período do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/Campus IV; bolsista do Programa Brasileiro de Iniciação Científica (CNPq), no âmbito do Projeto de Pesquisa *A Educação e as Drogas: Um Estudo sobre a Presença do Crack no Cotidiano Escolar de Mamanguape-PB*.

maconha é uma das drogas ilícitas mais consumidas por escolares (Medina-Mora et. al., 1998; Compton et. al., 2004; Rekve & Linbaek, 1999). No caso brasileiro, estudos realizados até o fim dos anos 1990/início dos anos 2000, também evidenciaram o acentuado uso de maconha entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio, revelando ainda vários fatores que estariam relacionados ao consumo de drogas por jovens e adolescentes, tais como problemas familiares, influência de amigos, uso de tabaco, consumo freqüente de álcool, elevado índice de faltas à escola, grande número de reprovações escolares, etc. (Pavani et. al., 2007; Tavares et. al., 2001; Baus et. al., 2002; Carlini et. al., 2001; Soldera et. al., 2004 ; Tiba, 1989; Guimarães et. al., 2004; Galduróz et. al., 1997; Rebello et. al., 2001; Souza & Martins, 1995).

No que se refere especificamente ao crack, os estudos e pesquisas no Brasil não abundam com a mesma frequência verificada em relação a outras drogas. Isso parece decorrer, sobretudo, do fato da problemática em torno do crack ser um fenômeno recente.

Conhecido também como “pedra”, o crack é a forma de base livre da cocaína, podendo ser obtido do cloridrato de cocaína ou da pasta da coca. Seu surgimento data de meados dos anos 1980, e teve lugar entre setores carentes da população negra e latina das decadentes áreas centrais de Nova Iorque, Los Angeles e Miami. A sua produção emerge semelhante à do chamado “freebase”, outra droga também derivada da coca, mas prescindindo da purificação final: dissolvia-se o cloridrato da cocaína em água, adicionava-se bicarbonato de sódio e aquecia-se a mistura que, ao secar, formava pedras duras e fumáveis. Como assinala Domanico (p.33-4), “devido ao fato de que fumar é uma forma mais eficiente de levar uma droga ao cérebro, a diminuição da quantidade de cocaína para produzir um efeito forte possibilitou uma redução considerável do preço”, gerando a disseminação do crack pelas camadas mais empobrecidas.

2 – O crack no Brasil

A chegada do crack ao Brasil ocorre no fim da década de 1980. Tomando a principal cidade do país como referência, tem sido assinalado que, antes de 1989, levantamentos epidemiológicos não detectavam a presença da droga em São Paulo (Riberio, 2010). A primeira apreensão de crack, na cidade,

ocorre 1990, conforme registro da Divisão de Investigações sobre Entorpecentes (Uchôa, 1996). Se, em um primeiro momento, o uso do crack esteve mais circunscrito aos setores de origem popular, com o passar do tempo, contudo, ele atingiu todas as classes sociais. O fato de ser mais visível o seu consumo em segmentos de baixa renda decorre, fundamentalmente, de eles, pela posição maior vulnerabilidade social em que se encontram, estarem mais expostos.

Difundindo-se rapidamente, a produção do crack também se diversificou no Brasil. Assim, a sua fabricação caseira tornou-se bastante freqüente: diluindo-se pequenas quantidades de cocaína (seca ou úmida) e bicarbonato de sódio em água, aquecendo-se a mistura. Daí tem-se então uma substância oleosa que, quando esfriada, transforma-se em uma película fumável, a chamada “casquinha” ou “pilito”. Além desta, outras formas de preparar o crack foram desenvolvidas, misturando-se, por exemplo, diferentes produtos à cocaína, donde resulta o crack com outras denominações, como “bazuko”, “merla”, “mela” e “oxi”.

Fumado de diferentes modos, como na forma de cigarro (para tanto, quebrando-se a pedra), em cachimbos, em latas e em copos, os danos causados pelo crack são imensos e atingem os seus usuários nas dimensões física, psíquica e social. Do ponto de vista físico e psíquico, os danos dizem respeito, dentre outros, a problemas respiratórios, perda de apetite, falta de sono, agitação motora, desnutrição, desidratação, tuberculose, hepatites, gastrite, rachaduras nos lábios, paranóia, depressão, ansiedade, baixa estima. Do ponto de vista social, os dispositivos de análise histórico-sociológica, antropológica e psicológica revelam que ocorre ruptura dos laços familiares, dissociação dos parâmetros de socialização, sentimento de perda de identidade, rejeição dos padrões sócio-educativos, marginalidade, etc.

O crack tem se transformado numa verdadeira epidemia no Brasil. Como reflexo da gravidade da situação, foi criada a Frente Parlamentar Mista de Combate ao Crack no Congresso Nacional. Em meio ao alastramento dos malefícios por ele causados, verifica-se, no entanto, a escassez de estudos a seu respeito no país. Dos poucos dados e informações disponíveis, estima-se que o Brasil tem cerca de 1,2 milhão de usuários de crack, com a idade média de início do consumo situando-se nos 13 anos (Correio Braziliense, 2010).

Dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC) são bastante reveladores da dimensão do problema do crack no Brasil. Conforme o seu Relatório de 2009, a circulação dessa droga no país aumenta de forma acelerada, sendo exemplo demonstrativo disso as apreensões realizadas: em 2002, foram apreendidos 200 quilos; já em 2007, a apreensão foi de 578 quilos, o correspondente a 81,7 do crack apreendido em toda a América do Sul (UNODC, 2010).

Em Porto Alegre, no ano de 2006, do número total de internados por dependência química, 43% eram usuários de crack e em Maceió, conforme dados atuais do Ministério Público alagoano, 30% dos alunos das 120 escolas da rede pública estadual, com idades entre 10 e 20 anos, estão envolvidos com a droga, exercendo até o mesmo o tráfico (Brasil, 2010). Como decorrência desta realidade, o cotidiano escolar na capital alagoana é desolador, sendo ilustrativo disto situações como a seguinte:

(...) a imagem dos santos despedaçados, num altar da escola estadual Benício Dantas, virou o símbolo da derrota dos professores na luta contra o tráfico (...). Invasa várias vezes, a escola já teve salas, pavilhões, corredores e banheiros destruídos e reconstruídos várias vezes. Há dois registros de tiroteio na escola, o ginásio de esportes virou uma cracolândia (...). No turno da tarde, 25% dos estudantes desistiram de estudar na escola ano passado [2009] (Brasil, 2010, p. 03).

Na Paraíba, sobretudo em João Pessoa e em seu entorno, emergem sinais preocupantes.

Dados da Secretaria Nacional Antidrogas, reproduzidos pelo Jornal Correio da Paraíba, mostram, por exemplo, que, no universo populacional da capital junto com cidades como Bayeux, Santa Rita e Cabedelo, em média, de cada cem habitantes, cinco já consumiram ou consomem drogas, sendo preponderante o uso do crack (Correio da Paraíba, 2010). De cada 100 pessoas atendidas numa instituição de referência de João Pessoa, o Centro de Reabilitação de Dependentes Químicos do Projeto “Cidade Viva”, 80 são viciadas em crack (ibidem). Entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio, na cidade, a situação é ainda mais dramática: João Pessoa é, proporcionalmente, a capital brasileira com maior consumo de crack entre jovens e adolescentes desses dois níveis de ensino (ibidem). O grau de gravidade da situação levou-a a ser objeto de abordagem no Plenário do

Senado da República, com o então Senador Roberto Cavalcanti assim se pronunciando:

A “fissura” para usar a droga é tão grande que muitos adolescentes trabalham para o tráfico apenas em troca da pedra. Na Paraíba, o problema é alarmante (...). A epidemia da droga está assolando a Paraíba e é fundamental a ação da rede pública de ensino no sentido de privilegiar campanhas destinadas a conscientizar os jovens a não experimentar o crack (...). Preocupa o fato de ser João Pessoa a capital do país onde mais se consome crack (Cavalcanti, 2010, p. 1806-1807).

Trata-se de um problema que tem atingido as cidades do entorno de João Pessoa, verificando-se o alastramento do crack e outras drogas entre escolares.

Referências

- BAPTISTA, I. & DIAS DE CARVALHO, A. *Educação social: fundamentos e estratégias*. 2 ed. Porto: Porto Editora, 2008.
- BAUS, S.; KUPEK, E.; PIRES, M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. In: *Revista Saúde Pública*, 36, 2002, p. 40-6.
- BRASIL. Ministério da Defesa - Assessoria de Comunicação Social. *Resenha Diária de Jornais (O Globo)*, 07/02/2010. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br>>. Acesso em: <09 de Abril/2012>.
- CAVALCANTI, R. Pronunciamento no Senado Federal. In: *Diário do Senado Federal*, 05/05/2010, p. 1806-1807.
- CARLINI, E. A.; GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; NAPPO, S. A. I levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas/Departamento de Psicologia/Escola Paulista de Medicina/Universidade Federal de São Paulo, 2001.
- CECCIM, R. B. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. In: *Interfaces – Comunicação, Saúde e Educação*, v. 09, nº 16, Fev. /2005, p. 161-177.
- COMPTON, W. M.; GRANT, B. F.; COLLIVER, J. D.; GLANTZ, M.; STINSON, F. S. Prevalence of marijuana use disorders in the United States: 1991-1992 and 2001-2002. In: *Jama*, 291 (17), 1991, p. 2114-22.
- CORREIO BRAZILIENSE. *Número de usuários de crack no país ultrapassa 1*

milhão, diz especialista. Reportagem veiculada na edição do dia 05 /05 /2010.

Disponível em:

<<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia182/2010/05/05/brasil,i=190716/NUMERO+DE+USUARIOS+DE+CRACK+NO+PAIS+ULTRAPASSA+1+MILHÃO+DIZ+ESPECIALISTA.shtml>>. Acesso em: 12 de Abril/2012.

CORREIO DA PARAÍBA. Capital é a cidade brasileira de maior consumo de crack no público escolar. Reportagem veiculada no dia 12/05/2010. Disponível em: <<http://www.portalcorreio.com.br/noticias/matler.asp?newsId=134110>>.

Acesso em: 12 de Abril/2012.

DOMANICO, A. Experiência de campo com usuário de crack. In: *Coleção Textos da Secretaria de Estado da Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro*, nº 02 (Prevenção Aids e Drogas), 2007.

FERMOSO, P. *Pedagogia social: fundamentación científica*: Barcelona, Herder, 1994.

FLORES, O. O agente comunitário de saúde: caracterização da sua formação sócio-histórica como educador em saúde. Tese de Doutorado (Universidade de Brasília/Faculdade de Ciências da Saúde/Departamento de Saúde Coletiva). Brasília: 2007, 208 págs.

GUIMARÃES, J. L.; GODINHO, P. H.; CRUZ, R.; KAPPANN, J. I; TOSTA JR, L. A. Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. In: *Revista Saúde Pública*, 38, 2004, p. 130-2.

GALDUROZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; CARLINI, A. IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes do 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas/Departamento de Psicologia/Escola Paulista de Medicina/Universidade Federal de São Paulo, 1997.

GRÀCIO, S. *Política educativa como tecnologia social*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

IBGE. *Estimativa da população/2009*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em:

<http://http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf>. Acesso em: <08 de Abril/2012>.

KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEITE, I. Novas perspectivas em educação e saúde. In: *Revista Espaço Acadêmico*, 114, 2010, p. 126-134.

_____. Alienation: it's not just in your head. In: *Political Affairs*, 02, September /2009a, p. 04-11.

_____. & ELUMALAI, M. Ecologia, educação e saúde: desafios. In: *Jornal da Ciência*, Nov/2008. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=60159>>

MEDINA-MORA, M. E.; CRAVIOTO, P.; VILLATORO, J.; FLEIZ, C.; GALVÁN-CASTILLO, F.; TAPIA-CONYER, R. Consumo de drogas entre adolescentes: resultados de la Escuenta Nacional de Adicciones. In: *Salud Pública*, 45, 1998, p. 16-25.

OMS. *Nomenclature and classification of drugs and alcohol – related problems: a WHO memorandum*. In: *Bull World Health Organ*, 59, 1981, p. 225-45.

PAVANI, R. A. B; SILVA, E de F; MORAES, M. S. de; NETO, F. C. Caracterização do consumo de maconha entre escolares do ensino médio de São José do Rio Preto, SP, Brasil, 2003. In: *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 10(2), 2007, p. 157-67.

REBELLO, S.; MONTEIRO, S.; VARGAS, E. A visão de escolares sobre drogas no uso de um jogo educativo. In: *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 5(8), 2001, p. 75-88.

REKVE, R. & LINDBAEK, M. Drug abuse among high school students in Hamar in 1999. In: *Tidsskrift For Den Norske Laegeforening* [The Journal of the Norwegian Medical Association], 122 (25), 2002, p. 2448-2451.

RIBEIRO, M. O crack em São Paulo: histórico e perspectivas. In: *Debates Psiquiatria Hoje* [Associação Brasileira de Psiquiatria], 03, 2010, p. 8-12.

SOLDERA, M.; DALGALARRONDO, P.; CORREIA FILHO, H. R.; SILVA, C. A. M. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. *Revista Saúde Pública*, 38, 2004, p. 277-83.

SOUZA, D. P. O. & MARTINS, D. T.O. O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino de Cuibá, Brasil, 1995. In: *Cad. Saúde Pública*, 14, 1998, p. 391-400.

TAVARES, B. F.; BÉRIA, J. U.; LIMA, M. S. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. In: *Revista Saúde Pública*, 35, 2001, p. 150-8.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 11ed. São Paulo: Cortez /Autores Associados, 2002.

TIBA, I. *A maconha e o jovem: família, escola e sociedade*. São Paulo: Agora, 1989.

UCHÔA, M. A. *O caminho das pedras*. São Paulo: Ática, 1996.

UNODC. *World drug report 2009*. New York: United Nations, 2009.